

MERCADO Segundo especialistas, área é promissora mesmo para os recém-ingressos na universidade

Engenharia civil é garantia de emprego para os brasileiros nos próximos anos

VANESSA ALONSO

Enquanto em algumas profissões o momento da saída da universidade pode ser angustiante com a busca do ingresso no mercado de trabalho, os estudantes de engenharia civil só têm motivos para comemorar. Com o mercado aquecido por conta das obras de infraestrutura em todo o País, professores e especialistas da área acreditam que, num futuro próximo, pode até faltar profissionais. O salário também é um atrativo a mais. O piso mínimo da profissão é de 8,5 salários mínimos (R\$ 4.335) para uma jornada de 40 horas semanais.

“A expectativa é de que se o mercado se mantiver estável, a demanda por profissionais vai continuar crescente e daqui a dez anos pode chegar a faltar engenheiros”, especula a coordenadora do curso de engenharia civil da Universidade Federal da Bahia, Tatiana Dumet, que atesta um aumento na procura por recém-formados e estagiários nos últimos cinco anos.

A estudante do terceiro semestre de engenharia civil Mariana Rodrigues de Oliveira, é a prova da força do mercado. Há um mês ela foi contratada para o departamento de planejamento e orçamento de uma construtora, mesmo não tendo o perfil mais procurado pelas empresas. “Existe muita oportunidade para estágio na área, mas a maioria pede estudantes do sexo masculino e a partir do quarto semestre”, garante.

Aquecimento

“A construção civil na Bahia foi reaquecida a partir de 2000, com pico maior em 2005, em função dos investimentos da iniciativa privada e sobretudo por conta do plano do governo Lula, que incluem as obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e Minha Casa, Minha Vida”, exemplifica o arquiteto e engenheiro civil, Giesi Nascimento Filho, chefe de gabinete do Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia da Bahia (Crea-BA).

A situação do mercado de trabalho será um dos temas que a entidade vai abordar no 7º Congresso Estadual de Profissionais (CEP), entre os dias 19 e 21 de maio, em Salvador.

“Além disso, o investimento maciço em obras de infraestrutura visando a maior mobilidade urbana para a Copa do Mundo e as Olimpíadas no Brasil também têm gerado mais serviços e obras”, completa Giesi.

De acordo com dados da Confederação Nacional da Indústria (CNI), o Brasil possui seis engenheiros para cada 100 mil ha-

“Se mantivermos o ritmo, daqui a dez anos pode chegar a faltar engenheiros”

TATIANA DUMET
Coord. curso de engenharia civil da Ufba

“Este é um país em desenvolvimento, o aquecimento está só começando”

GIESI NASCIMENTO FILHO
Chefe de gabinete do Crea-BA

bitantes, enquanto o ideal para países em desenvolvimento seriam 25 profissionais.

A expectativa é de que mesmo os estudantes que acabaram de ingressar na universidade tenham boas oportunidades após a formatura. “Somos um país em desenvolvimento, o aquecimento está só começando. O futuro é promissor se mantivermos o ritmo de crescimento”, acredita Giesi.

Por isso, mesmo com a formatura prevista para 2013, Mariana se mantém otimista: “Não me preocupo com a falta de emprego, pois acredito que o mercado é promissor”, afirma.

Capacitação

A maior preocupação mesmo fica por conta dos profissionais da área de recursos humanos, já

que nem sempre é uma tarefa fácil encontrar pessoas para suprir as vagas. "De dois anos pra cá tem sido um pouco mais difícil encontrar engenheiros civis para contratação, por conta do aquecimento do mercado", afirma a coordenadora de RH de uma construtora, que pediu para não ser identificada.

Segundo ela, a empresa costumava contratar de 2 a 3 engenheiros por ano e agora os números ficam entre 6 e 8 profissionais, variando de acordo com as obras. "Temos um quadro de 25 a 30 engenheiros civis, sendo que cinco foram contratados este ano", afirma.

A necessidade de formação de um maior número de engenheiros não é a única preocupação do mercado da construção civil. A qualidade do pro-

fissional que sai da universidade também deve ser motivo de atenção especial. "Há carência em dois setores. Além da falta de profissionais, há uma oferta que nem sempre atende às exigências do mercado que precisa de um funcionário especializado, mas com formação universal", garante Giesi.

ONDE ESTUDAR EM SALVADOR:

FIB Centro Universitário da Bahia (www.fib.br) **FTC** Faculdade de Tecnologia e Ciências (www.ftc.br) **Ucsal** Universidade Católica de Salvador (www.ucsal.br) **Ufba** Universidade Federal da Bahia (www.ufba.br) **Unifacs** Universidade Salvador (www.unifacs.br)

PARA LISTA COMPLETA DE INSTITUIÇÕES NA BAHIA ACESSSE: www.emec.mec.gov.br/

Formação acadêmica deve focar na demanda social do País

Como grande parte das oportunidades na área de construção civil no Brasil diz respeito a programas do governo focados na área social, é importante que os profissionais levem em conta a necessidade de capacitação para atender a esse tipo de demanda do mercado.

"Existe uma série de programas do governo federal focados na área social, que é a nossa lacuna no Brasil. Por isso devemos formar profissionais voltados para o interesse popular como obras de saneamento básico e habitação popular, por exemplo. São diversas opções que não ficam restritas à construção civil", afirma Giesi, chefe de gabinete do Crea-BA.

Segundo ele, também se deve levar em conta a inclusão de aspectos como responsabilidade social, sustentabilidade e ética profissional no currículo dos estudantes para que eles saiam bem preparados da universidade e atendam às exigências do mercado.

Nos últimos dez anos, a nova Lei de Diretrizes e Bases do Ministério da Educação deu novos encaminhamentos aos cursos de engenharia, de forma que passem a acompanhar as novas tecnologias, que se desenvolvem com rapidez. Além disso, em 2005 houve uma reformulação curricular na grade do curso de engenharia civil da Ufba para atender às mudanças no currículo relativas às necessidades de novas disciplinas.

"Até 2005 os estudantes não faziam trabalho de conclusão de curso, que hoje é obrigatório. Outra mudança foi a necessidade de apresentação de certificados somando 100 horas de atividades complementares. Isso permite que o aluno realize cursos de especialização fora da universidade e complemente sua formação", explica Dumet.



Giesi Nascimento Filho, chefe de gabinete do Crea-BA